

A CAUSA AMBIENTAL E A POLARIZAÇÃO POLÍTICA

Na manhã de sábado, às margens do ribeirão que batiza a cidade, a cena era simples e inequívoca: luvas de borracha, sacos pretos, mudas de ipê e pau-brasil, um carrinho de mão que rangia mais do que andava. Um senhor de boné com a bandeira do Brasil prendia estacas com o mesmo cuidado com que, dizia, armava cercas no sítio; uma estudante de ciências sociais anotava espécies exóticas invasoras num caderno espiral; o dono de uma pequena pizzaria fazia café em garrafa térmica para quem chegava atrasado. Ninguém perguntou em quem o outro votara; perguntavam onde a sombra rendia mais e como improvisar uma proteção de garrafa PET para as mudas. O rio, indiferente às convicções, corria turvo — não de opiniões, mas de sedimentos.

A política, que nos acostuma a rivalizar bandeiras, tem um dom peculiar de transformar o óbvio em trincheira. O ambiente é o óbvio. É chão, água, ar; é o calor que sufoca quando o asfalto repete o sol; é o preço do tomate num ano de geadas ou de seca; é a enchente que não pede filiação partidária para invadir a sala de estar. Se o debate público veste colete ideológico na hora de falar de árvores, perdemos todos — inclusive quem se julga vencedor do embate retórico. Burke, que muitos chamariam de conservador clássico, lembrava que a sociedade é um pacto entre os mortos, os vivos e os que ainda nascerão; Hans Jonas, leitura favorita de progressistas, nos advertiu do “princípio responsabilidade” diante de uma técnica que amplifica consequências. É curioso — e útil — notar como essas duas frases apertam as mãos por cima do rio.

Houve um tempo em que defender a mata ciliar era coisa de “ambientalista”. Depois veio a moda da eficiência e, com ela, uma verdade comezinha: energia mais limpa barateia a conta; água bem cuidada evita o caminhão-pipa; solo vivo rende mais do que solo exausto. Quando a pauta cabe no bolso, o discurso muda de roupa. Produtores descobriram que o microclima agradece a sombra: menos estresse hídrico, mais produtividade. Gente de igreja instalou placas solares no telhado do templo e reduziu custos de iluminação do salão paroquial. Sindicatos pressionaram por transição justa para trabalhadores que saíram das caldeiras rumo à manutenção de painéis e bombas de calor. E jovens conservadores começaram a citar, em rodas de conversa, que conservar é verbo da própria palavra “conservador”.

É claro que há caricaturas. De um lado, os que gritam “eco-ditadura!” como se a proibição de jogar óleo pelo ralo fosse o prenúncio do gulag. Do outro, os que tratam qualquer discordância técnica como pecado mortal e confundem prudência com

negacionismo. A banalidade do conflito rende curtidas; a banalidade do cuidado rende água na torneira. Rachel Carson abriu uma conversa com “Primavera Silenciosa”; Elinor Ostrom mostrou, meio século depois, que comunidades diversas conseguem gerir seus bens comuns sem tutela central onisciente nem abandono liberal ingênuo. Entre a prancheta do controle e o desleixo do cada-um-por-si, existe a vizinhança — e a vizinhança, quando quer, faz milagre.

Um rapaz que vestia a camisa de seu time preferido discretamente se aproximou da borda enlameada para resgatar uma tartaruguinha. Alguém fez piada: “Isso dá voto?” Ele sorriu e respondeu: “Dá sombra, quando essa árvore crescer.” Não era uma boutade; era um método. A sombra é uma política pública espontânea que não aparece em discursos: baixa a temperatura da calçada, protege o asfalto, convida o pedestre, dá pouso ao bem-te-vi. O urbanista pode reclamar de métricas; o comerciante pode agradecer pelo cliente que não desiste de atravessar a rua sob quarenta graus.

Quando o assunto vira monopólio, nasce o reflexo contrário, o da rejeição: “Se é pauta do outro lado, sou contra.” É assim que enterramos boas ideias com o selo errado na capa. Ao colocar no gueto a sustentabilidade, a esquerda a transforma num brasão; a direita, ao reagir ao brasão, desperdiça a chance de reclamar para si a velha e boa ética da parcimônia, da paisagem preservada, do legado. E ambos perdem de vista o que está no meio do caminho — não a pedra de Drummond, mas o rio de Drummond, que precisa de margem para não invadir as casas e de respeito para não virar valão.

A crônica urbana dos últimos anos é mais franca do que desejamos admitir. As queimadas não perguntam sobre as colunas do jornal; pedem vento. Os deslizamentos não consultam as plataformas eleitorais; consultam o declive e a cobertura do solo. A empreitada ambiental interessante não é a que rende thread inflamado, e sim a que constrói alianças improváveis: a cooperativa de catadores que firma contrato com um shopping; o engenheiro cético que descobre, por puro pragmatismo, a economia de um telhado branco; a professora que organiza, sem hashtags, o plantio de árvores na rua da escola; o vereador que convence o colega rival a destinar uma emenda para as nascentes — e ambos colhem o mesmo aplauso discretíssimo: água mais limpa.

No mutirão à beira do ribeirão, havia também um produtor de cana que, sem pose de pioneiro, contava que replantou matas ciliares e deixou uma faixa de respeito maior do que a lei exigia. “Aprendi do jeito difícil”, confessou. “Na seca, o brejo vira pó; na chuva, vira enxurrada. Com árvore, o solo respira.” Uma senhora comentou que, quando o filho nasceu, plantou um ipê-amarelo em frente de casa. “Ele cresceu junto com a árvore”, disse, apontando um rapaz esguio que segurava uma pá. O tempo, que não tem partido, se encarregou do resto.

Talvez devêssemos recuperar o vocabulário mais simples: cuidado, reparo, zelo. A sustentabilidade, palavra polida que cabe em congressos, é, no cotidiano, um conjunto de gestos repetidos: fechar a torneira enquanto se ensaboia a louça, não cimentar cada centímetro do quintal, devolver o resíduo certo ao lugar certo, exigir do poder público drenagens e parques, não como adereços, mas como infraestrutura. A controvérsia ideológica pode continuar no plenário; o canteiro da praça, não. Nele, o beija-flores chega sem subir em palanque.

Quando o sol já estava alto, a turma começou a dispersar. As mãos ficaram com o cheiro de terra molhada; os tênis, com lama. Ficaram também estacas firmes e pequenos círculos de terra revolvida, guardando as mudas. Não houve selfie oficial, nem faixa. Um menino pediu para escrever o nome dele num palitinho e fincar ao lado do ipê-roxo. “Pra eu voltar aqui e ver.” Essa é, no fundo, a política que nos interessa: a possibilidade de voltar e ver. Ver que o rio não subiu tanto, que o calor cedeu dois graus sob a copa, que o beija-flor achou caminho, que as árvores não votam — mas nos desmentem, quando afirmamos que o mundo só anda para trás.

Se mostrarmos — sem catecismo e sem liturgias partidárias — que a causa ambiental cabe em mãos distintas, talvez o país descubra, de novo, uma velha sabedoria: algumas coisas a gente discute; outras, a gente planta. E planta junto.